

MULHER EM QUEDA



Galera

COLLEEN
HOOVER

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

**COLLEEN
HOOVER**

**MULHER
EM QUEDA**

Tradução
Priscila Catão

1^a edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2026

A Lauren Levine. Sem você, o ali não estaria mais ali.

Caros leitores,

Talvez alguns de vocês se lembrem do conto “Saint”, da antologia *One More Step*, de anos atrás. Para aqueles que não se lembram, vocês estão prestes a conhecê-lo de um jeito bem mais amplo.

A antologia está fora de catálogo, mas alguns de vocês nunca pararam de me pedir mais da história. Por algum motivo, aquele conto permaneceu vivo no coração de vocês, mesmo sem estar disponível de maneira oficial. Como escritora, não há nada mais inspirador para mim do que um leitor dizer que quer ver mais dos personagens que criei.

Eu queria dar a esses personagens o espaço que eles mereciam e desenvolver de verdade o mundo que apresentei de maneira tão breve em “Saint”.

Peguei o conto que alguns de vocês leram e me dediquei de corpo e alma a expandi-lo. Faz três anos que não lanço um livro, desde *É assim que começa*. Não por ter passado três anos reescrevendo “Saint”, e sim porque estou fazendo outras coisas além de escrever. E, sendo bem sincera, eu precisava me distanciar um pouco de uma carreira que começou a parecer mais estressante do que o normal.

Entretanto, isso mudou quando mergulhei de novo nesta história. Escrever este livro me devolveu a alegria que senti ao escrever o conto original. Mudei o título e alguns nomes de personagens e de lugares, incluí cenas, acrescentei e mudei personagens, e até inclui algumas reviravoltas aqui e ali que não cabiam no conto. Eu queria que quem já o tivesse lido pudesse ter a experiência de um livro inteiramente novo e diferente, mas com a história e o estilo do conto como base. Enquanto dava vida à história neste novo formato mais completo, eu de verdade curti cada segundo.

Só peço, por favor, que lembrem que, embora os escritores se inspirem na própria vida e alguns dos temas possam até refletir minha história de certas maneiras, este livro não é de jeito nenhum uma réplica da minha jornada ou da minha moralidade nem um reflexo do que sinto a respeito dos meus colegas e/ou desse ramo. É apenas uma aventura divertida pela qual os personagens me levaram e nada mais. Por favor, imploro a vocês que não tentem estabelecer qualquer ligação entre minha vida pessoal e esta história, pois não há nenhuma. Sou apenas uma escritora escrevendo sobre outra escritora, e de maneira alguma estou defendendo o comportamento e/ou os pensamentos da personagem.

Foi uma alegria pensar em “Saint” de um jeito novo. Espero que vocês estejam prontos para ficar zoncos e curtir esta aventura divertida, sexy e, às vezes, sombria!

Com muito amor,
Colleen Hoover

Um

— Olá, olá! Aqui é a Kellie. Sua terapeuta literária especialista em todo tipo de treta. Bem-vindos de volta ao *E agora, leitores?*, podcast no qual a gente dissecá com carinho o seu babado literário predileto e zomba dele um pouquinho também.

— E eu sou o Micah, seu sommelier de fofocas literárias e, às vezes, televisivas.

— *Sommelier?* — Kellie ri. — Mas você nem toma vinho.

— Quem é que precisa de álcool se a treta de hoje já dei-xa qualquer um zonzo?

— Uh, adorei a provocação — acrescenta Kellie.

— Hoje não vai ser só provocação. Vai ser destruição total. Vamos falar de Petra Rose, a queridinha dos clubes do livro e dos *mood boards* do Tumblr, cuja reputação foi por água abaixo no mundo literário.

— E, se você por algum motivo não viu nada a respeito no seu feed ou estava ocupado demais, sei lá, *respirando*: a internet se virou *completamente* contra a autora que antes era reverenciada. E foi pesado — diz Kellie.

— Pesado mesmo. A autora best-seller em vários países de *Uma coisa terrível...*

— Esse deve ser o pior título para um livro de todos os tempos — interrompe Kellie.

— É verdade — diz Micah. — É como se ela estivesse pedindo essas críticas. *Implorando* por elas. Enfim, o romance basicamente provocou mil debates entre #TimeAsh e #TimeCaleb, e foi palco da maior disputa entre fãs, da melhor maneira possível. Até não ser mais. Kellie, quer ter a honra de fazer uma breve recapitulação antes de anunciarmos nosso convidado surpresa?

— Bem, ela não vai ser breve, mas será um prazer. Vamos recapitular para quem está por fora. *Uma coisa terrível*, pelo padrão dos leitores, não é um livro tão ruim assim. É um romance muito emotivo e lindamente desenvolvido, sobre Elise e sua jornada pelo amor, pelo trauma e pela identidade, com uma pitada de diversão. É um romance realista que conta com um pouquinho de tudo. O maior choque é que um livro sem qualquer dragão ou feiticeiro tenha feito tanto sucesso. Mas isso aconteceu não apenas por ele ser um romance sexy e barato. Os personagens tinham desenvolvimento e complexidade moral, ou seja, TUDO para quem curte fanfic.

— Já deu para entender. Você gostou. Agora fale logo da melhor parte — diz Micah.

— Era meu livro preferido — diz Kellie na defensiva.

— Ele ainda pode ser seu livro preferido.

— Não depois disso tudo — retruca Kellie. — Tá, tem um triângulo amoroso. Elise, Ash e Caleb. Só mesmo quem passou cinco anos fazendo trilha no meio do mato é que não viu pelo menos um meme sobre Ash e Caleb. Tinham fóruns inteiros no Reddit dedicados a esse cabo de guerra de emoções. Mas aí... aí veio a adaptação para o cinema.

Micah solta um gemido.

— Chamar aquilo de adaptação é exagero. Mas a adaptação era promissora e o orçamento era grande. Houve muita expectativa em torno do filme, e o estúdio e a autora, estranhamente, estavam quietos. A gente não ficava sabendo nem das atualizações no elenco, tirando dois dos protagonistas. Ninguém mencionava nosso querido personagem Caleb. Quando divulgaram o trailer, ele tinha sumido. Simplesmente *puf*. Foi o suficiente para o quase estopim de uma guerra. Mas, mesmo assim, as pessoas foram assistir ao filme, apesar das preocupações iniciais que se espalharam pelo TikTok — diz Kellie.

— E das preocupações discutidas neste podcast — completa Micah. — Você falava delas todo santo dia.

— Tá bem, eu era do Time Caleb. Enfim. Eles TIRARAM o personagem. Tiraram todo o triângulo. Reestruturaram a história para que falasse só de Ash e de sua conexão com Elise. Os fãs não ficaram nada contentes. Nem mesmo os fãs do Time Ash, pois o que eles iriam fazer com todos os produtos que a autora tinha vendido a eles? Depois do horror que foi o filme, o Time Ash nem fazia mais sentido. Usar uma camiseta com #TimeAsh escrito fazia parecer que você não era do time da Elise, quando *todos* nós éramos do time da Elise. Nós fomos traídos, Micah. TRAÍDOS.

— Pois é, foi traição no nível gritando-na-chuva-toda-cobertha-de-manchas-de-vinho-tinto — diz ele.

— Não quero falar daquela noite. Eu estava chateada. Os dois riem.

— Tá bem, tá bem — diz Kellie. — Todos nós sabemos como Hollywood funciona e que a maioria dos autores não tem qualquer influência nas adaptações. Alguns poucos têm essa sorte, mas, a maioria, não. E no começo Petra adotou a

clássica tática do “não foi culpa minha”. Ela postou no Instagram algo do tipo: *E aí, pessoal, eu não tive nenhum controle no processo criativo. Fiquei tão chocada quanto vocês.*

— E, sinceramente, a gente acreditou mesmo nela — diz Micah. — Por, tipo, cinco segundos. Até... *coloquem uma trilha sonora dramática aqui...* vazar uma conversa antiga entre Petra e um dos produtores. Ela não só sabia da mudança como também *gostou* dela.

— Isso, e o que foi mesmo que ela disse na conversa? — pergunta Kellie.

— Tenho a mensagem aqui, vou ler — responde Micah. — “Você tem razão, muita gente está dizendo que o personagem não é verossímil, então por mim tudo bem cortá-lo. Talvez o filme fique melhor sem Caleb e o triângulo amoroso.”

— A frase “melhor sem Caleb” fez as pessoas surtarem — afirma Kellie. — Tipo, *melhor?* **MELHOR?** Não dá para simplesmente apagar metade de uma comunidade inteira de fãs e dizer que você estava apenas descartando o que não servia mais!

— A revolta foi imediata — diz Micah. — TikTok, Reddit e X, *antes conhecido como Twitter, mas, na real, continua sendo Twitter*, foram dominados pelas hashtags #CancelPetra, #UmaAdaptaçãoTerrível e #UmaAutoraTerrível. E é por isso que digo que *Uma coisa terrível* é o pior título de livro de todos os tempos. É fácil demais zombar dele.

— Fácil demais mesmo — diz Kellie. — E agora tem fãs literalmente queimando seus exemplares de *Uma coisa terrível*. Estamos no meio de uma verdadeira rebelião literária. Os leitores se sentem pessoalmente traídos, *assim como eu*. Ela mentiu pra gente. Preferiu a indústria cinematográfica à intimidade que fez seus livros serem importantes e aos fãs

que fizeram dela uma estrela. Ela apagou tudo o que nos fez amar o livro para início de conversa. E depois botou a culpa em algumas poucas críticas que recebeu, apesar dos milhares de leitores que elogiavam o livro.

— Nossa. Isso foi tão comovente quanto o monólogo do Caleb no Capítulo 28.

— Nem fale desse monólogo, Micah, senão vou terminar chorando de verdade.

— Foi mal. Mas é que é um monólogo tão bom. Teria sido ótimo VÊ-LO NO TELÃO DO CINEMA, Ô POVO DE HOLLYWOOD QUE ESTÁ ME OUVINDO!

— Não tem povo algum de Hollywood ouvindo a gente, Micah. Temos dois mil assinantes.

— Dois mil assinantes fiéis que nunca trairiam a gente como Petra traiu os próprios leitores.

— E veja só o que aconteceu com ela. Ela levou mais em conta os poucos que eram irrelevantes, e agora até seus fãs mais fiéis lhe deram as costas. Ela traiu a todos nós. Fico até me perguntando: será que Petra Rose sequer acredita nos personagens ou será que ela tem vergonha da própria escrita?

— Bem, ela anda calada — diz Micah. — Faz quase um ano que não posta nada nas redes sociais, tirando o grupo do seu fã-clube.

— Que, pelo que ouvi por aí, tem diminuído. Mas nem tenho como saber, faz seis meses que saí dele — brinca Kellie.

— Tomara que esse silêncio seja um sinal de que ela está estudando para ser capaz de escrever um enredo no qual de fato *acredita*. E isso é uma insanidade quando pensamos que tem gente que faz tatuagens de frases dos livros dela.

— Por falar nisso, vi vídeos de gente removendo essas tatuagens — diz Kellie.

— Que pena. Antes a gente a citava, e agora a gente simplesmente... a *odeia*.

— *Odiar* é uma palavra forte — diz Kellie.

— Este podcast é sincero.

— É verdade. A gente a odeia. Tanto que pedimos mil favores e reagendamos três outros convidados para que o nosso convidado especial estivesse aqui hoje. Não sei por que ele topou participar do nosso podcastzinho, mas estamos agradecidos demais mesmo. Quem sabe a gente não passa a ter dois mil e um assinantes depois de hoje?

— Isso, sonhe alto — diz Micah. — Senhoras e senhores, deem as boas-vindas a ninguém mais, ninguém menos do que Allister Jones, o produtor de *Uma coisa terrível*.

— Ele ainda tem que dar algumas explicações sobre aquela adaptação, mas pelo menos tem coragem de falar do assunto. Bem-vindo, Allister!

— Muito obrigado por me receberem aqui — diz Allister.

— Essa foi uma recapitulação e tanto.

Allister...

Vai.

Se.

Foder.

Desligo o podcast assim que ouço a voz dele. Meu coração está muito acelerado e o estômago, embrulhado.

Preciso parar o carro no acostamento porque estou a ponto de vomitar.

— Meu Deus.

Meus dedos tremem no volante. Levo a mão até a porta para procurar o botão que abaixa o vidro. Assim que a janela está aberta o suficiente para eu pôr a cabeça do lado de fora, inalo o ar com cheiro de pinheiro e fecho os olhos, respirando devagar até o embrulho no estômago começar a diminuir.

Não acredito que pensei que terapia de exposição me ajudaria a superar tudo.

Esses minutos ouvindo o podcast foram os piores que passei desde que vazaram minhas mensagens para Allister.

Abro os olhos e apoio a cabeça no encosto do banco. Inspiro devagar algumas vezes enquanto me esforço para não pensar no fato de que Allister deve estar indo a vários podcasts e dando várias entrevistas, ao passo que eu me vejo obrigada a me isolar num chalé encardido para me dedicar a um livro que estou tentando escrever desde que todo esse fiasco com o filme começou, só para não perder minha casa agora que as vendas despencaram.

— Você não fez nada errado — digo a mim mesma enquanto volto devagar à rodovia. — Você não fez nada errado. Você não é aquilo que o mundo pensa de você.

Tenho repetido esse mantra desde que Nora me fez prometer que eu o diria ao menos cinco vezes ao dia. Contudo, parece que estou apenas dizendo uma mentira em voz alta, então não me sinto revigorada e pronta para enfrentar o dia com disposição.

Mal tenho conseguido funcionar desde que tudo começou. Eu me sinto uma fraude. Sinto como se tudo que construí tivesse desmoronado ao meu redor, e agora estou enterrada nos escombros, e as pessoas não se dão ao trabalho de os escavar porque nem sequer querem saber se estou morrendo sufocada. Só querem saber quem compareceria ao meu funeral após eu *de fato* morrer sufocada.

Fico pensando em quem compareceria. Tenho amigos e parentes que iriam, mas percebo agora que todos os “amigos” que fiz no tempo em que estive ativa no mundo dos livros não eram amigos de verdade. Com exceção de Nora,

todos praticamente sumiram. E até dá para entender. Eles estão vendo que minha reputação fez minhas vendas caírem, então qualquer demonstração pública de apoio agitaria o TikTok e faria as vendas *deles* caírem. É uma carreira, e, embora eu sempre tenha torcido para que os amigos que fiz no setor também fossem amigos fora dele, estou começando a perceber que não passamos de colegas de trabalho infelizes tentando sobreviver até a hora de se aposentar.

Já faz duas horas que estou dirigindo, as linhas brancas da rodovia se transformando numa fita infinita sob os pneus. Ainda não sei direito se estou indo ao refúgio do chalé ou fugindo do caos. Acho que é sempre um pouco dos dois, uma mistura de anseio e desespero. No entanto, nunca senti tanto essa necessidade urgente de escapar da minha vida real, de me livrar de certos aspectos dela e agregar outros como sinto agora. Meu maior desejo é mergulhar de cabeça na escrita do livro, imergir por completo, sem deixar qualquer pessoa ou acontecimento do mundo exterior atravessar as paredes da minha criação fictícia.

Minha ansiedade nunca esteve tão intensa, e escrever é mesmo a única coisa que a alivia.

Só espero que dê certo desta vez. Essa sensação de urgência, essa expectativa desesperada de que serei capaz de me redimir só vai passar se eu chegar ao chalé e me comprometer por completo.

O bloqueio criativo tem me esmagado e me sufocado exatamente desde o momento em que meu nome começou a aparecer em artigos fora da esfera literária.

É uma ironia cruel, não é mesmo? O sonho de uma pessoa de ter muita fama pode se tornar o pesadelo de outra com muita facilidade.

Meu celular vibra no porta-copos, e a tela brilha com mais uma notificação que aumenta minha ansiedade. Desativei as notificações das redes sociais depois que as críticas pesadas começaram. O mundo digital, que já foi uma plataforma para conexão, tornou-se um antagonista implacável, e o único jeito de o silenciar é me retirando dele.

Pelo menos isso significa que, quando recebo uma notificação, é de alguém que quer falar *comigo*, e não *de mim*.

O alívio me preenche ao ver o nome de Nora na tela. Deslizo o dedo para atender à ligação pelo viva-voz do carro.

— Espero que esteja me ligando para dizer que tem Adderall sobrando e vai me enviar um pouco pelo correio — digo depressa.

— Antes de tudo — diz Nora —, você não tem TDAH. Sou *eu* quem tem. E, segundo, você não precisa de remédio nenhum. O que precisa é de uma boa terapeuta e de uma boa transa. — Ela faz uma pausa. — Não comigo. Foi uma sugestão, eu não estava me oferecendo.

— Mas que droga — suspiro. — Bem, você ligou num ótimo momento.

— Por quê? Teve outro ataque de pânico?

— Eu estava ouvindo *E agora, leitores?*

— Petra! Cacete.

Solto um gemido.

— *Eu sei.*

— É por isso que eu estava ligando. Queria que você não ouvisse o episódio de hoje.

— Mas você me disse que terapia de exposição me faria bem. Eu estava me expondo.

— Eu quis dizer se expor no sentido de voltar às redes sociais. De postar algo. Não pra você ir atrás de todo mundo

que está falando mal de você e ouvir tudo. *Minha nossa*. Eu sou sua amiga, não o Satanás.

— Então você ouviu?

— Precisei desligar quando Allister Cara-de-Cu começou a falar.

— Pois é, eu também. Parei o carro no acostamento quando ouvi que ele seria o convidado. Parecia que eu ia vomitar.

— Caramba. Você está quase chegando na casa alugada?

— Estou a dez minutos de lá.

— Tem certeza de que isso é boa ideia? — A voz de Nora crepita no viva-voz.

— Isso o quê? Eu sozinha no meio do mato, tentando me recuperar depois de ter sido escorregada pela internet inteira?

Não tiro os olhos da rodovia. Os pinheiros passam ao meu lado como um borrão, aumentando e se condensando até eu começar a ter a sensação de que eles estão ameaçando engolir meu carro.

— Não foi a internet *inteira* — diz Nora. — Foi apenas um pessoal mais barulhento com motivações financeiras.

— Ah, é. As pessoas que fizeram ameaças de morte foram só consideradas interessadas em dinheiro mesmo. Esqueci.

— Sorrio mesmo sem querer.

— Elas não te conhecem. Elas ameaçaram queimar seu cachorro, Petra. Você *nem tem* cachorro.

— Exatamente. É provável que elas comprassem um filhote pra mim, enviassem para minha casa com um laço fofinho, esperassem eu me apaixonar por ele para *depois* o queimarem.

O sinal piora por um instante, e a voz dela fica robótica, depois para de vez.

— Que saco. — Pego o celular e o aproximo do painel, como se isso fosse melhorar o sinal.

— ... sério — diz ela, a voz voltando no meio de uma frase. — Você ainda tem uma carreira... mais ou menos. Você poderia escrever um post de desculpa no seu aplicativo de notas e publicar no Instagram com aquelas mãozinhas fofas de coração e, tipo, um ou dois emojis de choro.

— Não vou pedir desculpas pra gente que não sabe a história inteira e mesmo assim toma partido.

Ela suspira.

— Bem, você precisa voltar pra internet se quiser salvar sua carreira. Talvez desabafar num podcast.

— Eu consigo sair deste buraco sem me rebaixar ao nível do Allister. É por isso que vou ao chalé para escrever. Vou me vingar usando minha caneta.

Há uma longa pausa.

— Mas... você usa o notebook. Não usa caneta.

— Pareceu mais ameaçador dizer *caneta*.

— Tem razão. Vá se vingar usando sua caneta. Escreva sobre tudo o que aconteceu e publique como obra de ficção. Vai ser bom para extravasar. Ligue depois que você já tiver arrumado suas coisas lá. Tenho uma ideia.

— Não, eu odeio suas ideias — digo.

— Mas esta é boa. Prometo.

— Tá bem.

— Não ouça nenhum outro podcast. Vá ouvir The Brudi Brothers ou algo assim. Amo você.

— Também amo você.

Depois que desligamos, o podcast continua automaticamente.

— Não foi nada fácil trabalhar com ela — diz Allister.

Sinto as palavras como se elas fossem água fervente caindo em cima de gelo. Desligo o podcast de novo e me concentro na curva da estrada diante de mim.

— Também não foi nada fácil trabalhar com você, Allister Cara-de-Cu.

Eu não odeio muita gente, mas Allister está no topo da minha lista. E no fim dela. E no meio.

Ele é minha lista inteira, na verdade.

Diminuo a velocidade quando o GPS indica que logo vou precisar sair da estrada. No fim da rua em que estou entrando, vai ter um chalé à minha espera, junto de uma tela em branco, muito silêncio e com sorte tudo o que ainda dê para salvar da minha criatividade.

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA PARA RECUPERAR
SUA PRÓPRIA NARRATIVA?

MULHER EM QUEDA



COLLEEN
HOOVER

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

Ficção e realidade começam a se confundir...
e o perigo se torna cada vez mais real.